



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

A Mensagem da Cruz

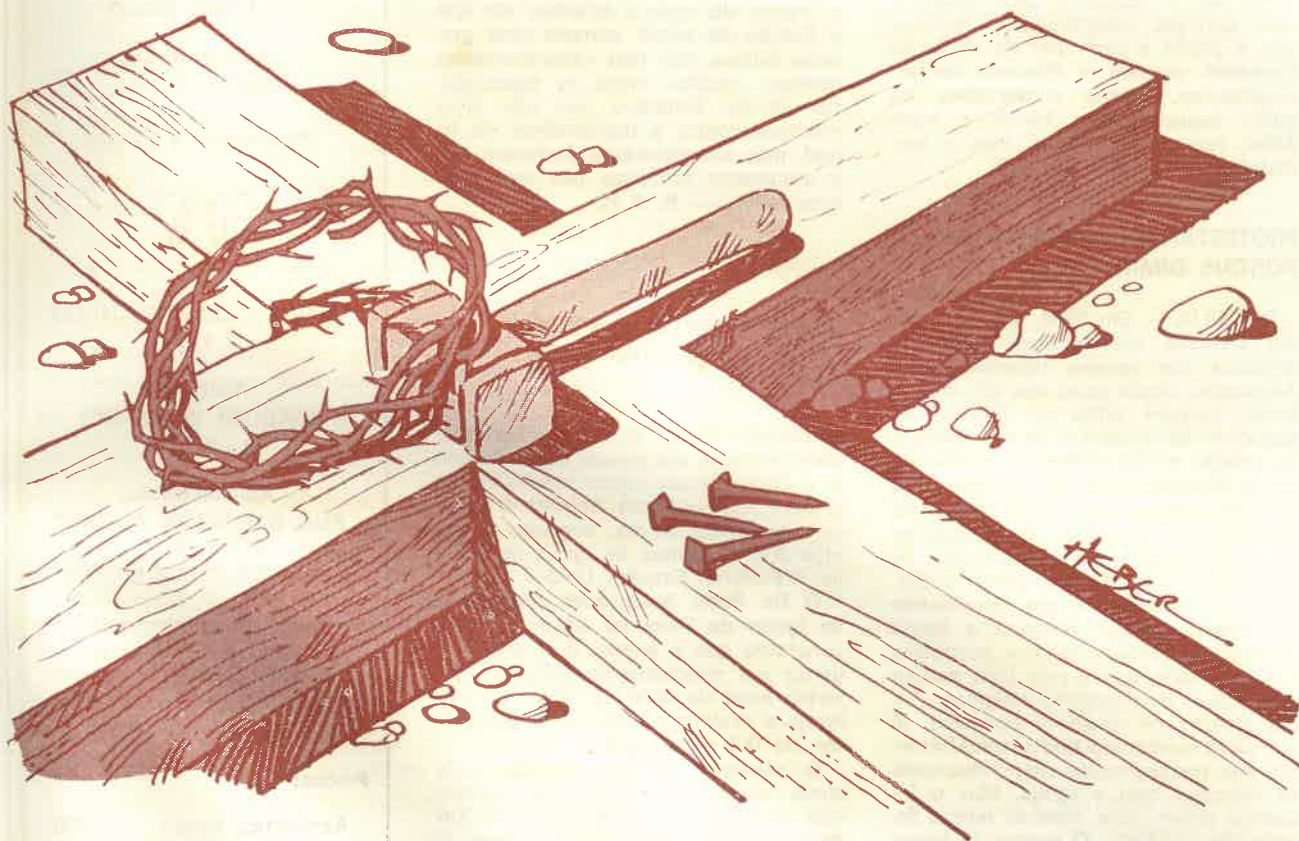
Gaston Clouzet

Director da Casa Editora Sul-americana

IMAGINAMOS que algumas pessoas considerarão o título acima anacrónico. Poderá, a cruz do Calvário, erigida há cerca de dois mil anos, ter uma mensagem para o homem moderno? Embora nela se haja culminado um drama certamente importante e impressionante, poderá conter ainda alguma mensagem para o homem de hoje, cheio de ciência e tecnologia, que realiza transplantações de órgãos e deixa pegadas na poeira da Lua?

Muitos pensam que o homem progrediu tanto que a mensagem cristã ficou totalmente fora de moda, constituindo-se, tão-só, uma relíquia do passado. Por isso mesmo, dediquemos um pouco de tempo a ver se a cruz ainda tem uma mensagem para o homem hodierno.

(Continua na pág. 4)



“estai vós apercebidos”

NOVA SEITA ORIENTAL CONQUISTA O OCIDENTE

BRASÍLIA — Nova seita invade o Ocidente, alcançando surpreendente adesão da juventude dos países onde se instala. Vinda da Ásia, fixou-se por enquanto sobretudo nos Estados Unidos, Alemanha e França. É conhecida pelo nome de «moonismo». O seu fundador, Sun Mysung Moon, é um sul-coreano de 56 anos, que vive hoje nos Estados Unidos, onde a seita tem o maior número de adeptos. Os missionários «moonistas» actuam de uma forma que se tem mostrado bastante eficaz: compram residências — frequentemente sumptuosas — e depois lançam-se às ruas em grupos formados por rapazes e raparigas, quase sempre estrangeiros. Aí conseguem novos adeptos, «pregando» como apóstolos de um mundo a ser conquistado através da sua religião. Nessas «pregações», via de regra individuais, falam dos males do mundo, da solidão em que vivem os homens, da frieza da actual sociedade, das suas injustiças e outras coisas mais. Então convidam o ouvinte a assistir a um curso de alguns dias, numa das casas da seita. Ali, o neófito é bem recebido com sorrisos, reverências e gentilezas, e passa a participar do curso de formação, em que se alternam danças, meditações, cantos e sermões, os quais explicam que Moon, o novo Adão, reencontrou Deus; mas o verdadeiro, dizem eles. — CEI

PROTESTANTES QUEREM SABER PORQUE DIMINUEM

BRASÍLIA — Em 1970, cerca de 203 mil alemães abandonaram a prática religiosa nas igrejas reformadas da Alemanha. Desde esse ano em diante, foram sempre altos os índices do abandono da religião e da participação na oração e nos cultos. O índice recorde atingiu-se em 1974, quando 210 mil protestantes saíram da igreja. Na Alemanha há um total de 28 milhões de protestantes, numa população de 66 milhões de pessoas. Estes dados, embora representem um decréscimo de apenas 0,75 %, levaram a Igreja Evangélica Alemã a realizar pesquisas a fim de obter dados para uma análise das causas do abandono religioso. Antes mesmo de iniciar a pesquisa, já era facto conhecido que a transformação das condições de vida influenciou as relações com a igreja. Mas o inquérito serviu para mostrar outras facetas do problema. O exame da Igreja Evangélica revela que o índice mais elevado de saídas se regista nas grandes cidades. — CEI

A EVANGELIZAÇÃO PRECISA DE SER MAIS BEM DEFINIDA

BRASÍLIA — «Pode-se definir a evangelização em termos de anunciar Cristo àqueles que O desconhecem, de pregação, de catequese, de baptismo e de outros sacramentos que hão-de ser ministrados. Nenhuma definição parcial e fragmentária porém, chegará a dar a razão da realidade rica, complexa e dinâmica que é a evangelização, a não ser com o risco de a empobrecer e até mesmo de a mutilar». Esta declaração é de Paulo VI, numa exortação apostólica, e mostra o erro das definições apressadas que tomam «evangelização» como simples proclamação verbal. — O Minist. Advent.

O ESTADO DE ISRAEL E A PROFECIA BÍBLICA

SYDNEY — Um professor de Bíblia católico romano, que ensinou em Jerusalém durante os últimos nove anos, declarou em Sydney, na Austrália, que a crença de muitos cristãos em que o Estado de Israel cumpre uma profecia bíblica não tem «absolutamente nenhum crédito» entre os especialistas sérios. Salientou que não argumentava contra a legitimidade de Israel, mas simplesmente declarava que o argumento profético não tem qualquer valor. — R. & H.

REAVIVAMENTO ESPIRITUAL ONDE HÁ PERTURBAÇÕES POLÍTICAS

DALLAS, E. U. A. — As perturbações políticas em países como Angola e o Chile deram como resultado um grande reavivamento espiritual entre os respectivos povos, segundo a opinião dos dirigentes da Igreja de Deus de Cleveland, Estados Unidos.

O Dr. Peter Swanepoel, presidente da Igreja de Deus na África do Sul, constatou que a guerra civil angolana gerou um reavivamento religioso, levando mais de 3000 membros da sua igreja a assistir regularmente aos cultos no Sul de Angola.

A situação política naquele país ainda não é estável, mas há crentes que percorrem a pé mais de 90 km para assistir aos cultos, disse o Dr. Swanepoel recentemente, numa reunião da Assembleia Geral da Igreja de Deus, em Dallas. — Ministry

SUMÁRIO

A Mensagem da Cruz
«Estai Vós Apercebidos»
Página Editorial — O Firme
Penhor da Nossa Futura
Ressurreição
O Preço da Nossa Liberdade
Características dos 144.000
As Leis Dominicais
Saúde Radiante 4 — Respeitai
o Vosso Coração
Projectos do 13.º Sábado
Notícias do Campo
Rádio-Amadores Adventistas
Nosso Lugar Comum
Caixa de Perguntas
Breves Notícias do Mundo
Adventista

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

ABRIL DE 1977

ANO XXXIII

N.º 367

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÁNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
S A C A V É M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alem. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 60\$00
Número avulso 6\$00
Estrangeiro 130\$00

O FIRME PENHOR DA NOSSA FUTURA RESSURREIÇÃO

Celebra-se, no corrente mês de Abril, a festa da Páscoa, cujo ponto culminante é a Ressurreição de Jesus. Pode dizer-se que poucos acontecimentos bíblicos se encontram tão amplamente documentados pelos evangelistas como o facto da ressurreição de Jesus. O fidedigno relato inspirado dos Evangelhos diz-nos que Jesus morreu na tarde de uma sexta-feira, sendo sepultado nas últimas horas dessa mesma tarde. Permaneceu no sepulcro durante o dia de Sábado. No domingo seguinte, logo de manhã, perante os apavorados legionários que guardavam a tumba, Jesus saiu vivo, dentre os mortos. Um pouco mais tarde, nas horas dessa mesma manhã, os Seus mais íntimos viram-se ante um sepulcro vazio, meio-incrédulos, meio-desconcertados. Uma guarda, não romana, mas angélica, custodiava, agora, o túmulo. O Senhor já não estava «entre os mortos». Havia ressuscitado. E as provas da ressurreição começam a multiplicar-se, a encadear-se, constituindo todo um caudal de argumentos convincentes e incontrovertidos.

«O Senhor ressuscitou, verdadeiramente!» — tal é a proclamação que se torna o grito da mais firme certeza entre os discípulos e que atravessa os séculos, para dar origem, logo desde os primeiros tempos do Cristianismo, à «bem-aventurada esperança».

Os cristãos sabem que a morte — perante a ressurreição de Jesus — deixou de ser o ponto final da humanidade.

Mas a ressurreição de Jesus — penhor da nossa futura ressurreição — também se reveste de um alto significado, de acordo com as palavras do apóstolo Paulo aos Colossenses: «Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima...» (Colos. 3:1).

Prezados Irmãos e Irmãs! Antes de vos manifestar os meus votos de festas felizes da Páscoa, desejo realçar a citada expressão paulina aos Colossenses, pois resume toda a nossa vida de crentes adventistas: Uma vez que queremos viver eternamente com o nosso divino Salvador, temos de «ressuscitar», desde já, para as coisas espirituais, para a vida verdadeira e integralmente cristã, de modo a procurarmos, sincera e indefectivelmente, «as coisas que são de cima».

Feliz e abençoada Páscoa, prezados Irmãos e Irmãs, com o firme propósito de «procurarmos as coisas que são de cima»; assim teremos a certeza de que o Senhor Jesus nos virá buscar, quando regressar em grande majestade e glória, num futuro que tudo indica que já está muito próximo.

J. dos Santos

A Mensagem da Cruz

Gaston Clouzet

(Continuação da Primeira Página)

Quem teve a culpa da morte de Jesus?

Se pudéssemos transportar-nos nas asas da imaginação até ao cimo do Calvário no instante mesmo em se estivesse desenrolando o drama da cruz, encontrar-nos-íamos, certamente, com uma cena insólita. Depararíamos com uma vasta multidão heterogênea, que clama, grita, zomba, insulta. Destacando-se sobre as suas cabeças, aparecem três cruces, de cada uma das quais pende um condenado. A do meio é maior; não pode ser de outra maneira, posto que quem é pregado nela é, segundo o critério dos seus juizes, o pior dos três criminosos condenados. Está corado de espinhos e o seu corpo ostenta sinais evidentes da flagelação a que fora submetido previamente. Sobre a sua cabeça, um cartaz, escrito em aramaico, grego e latim, resume os seus supostos delitos: «ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS» (Mat. 27:37).

A cena é acabrunhante. Embora sejam criminosos os que sofrem, a dor alheia sempre desliza misteriosamente dentro de nós e nos faz sofrer.

Contudo, superado esse momento de dor, animamo-nos a perguntar a um dos nossos vizinhos quais são especificamente as culpas pelas quais se está condenando a Jesus. Responde-nos que são duas: blasfêmia e sedição. Ao pretender ser rei dos judeus, intentou ocupar o lugar que somente corresponde a Deus e ao Seu Messias; ao mesmo tempo, quis ocupar o lugar que legalmente corresponde a César romano. Blasfêmia e sedição. Sim, aparentemente as culpas estão bem estabelecidas e fundamentadas.

Mas, por alguma razão essa explicação não nos satisfaz. Por isso continuamos a inquirir. As respostas que recebemos levam-nos de assombro em assombro. A acusação de blasfêmia desfaz-se quando nos informamos de que durante toda a sua vida Jesus se dedicou plenamente a exaltar o nome de Deus e a vindicar o Seu carácter. A sua vida foi consagrada a Deus, nunca adorou ídolos, e observou com um elevado sentido espiritual e de serviço o santo dia do Senhor. Foi, nesse sentido, sem mácula.

A acusação de sedição tão-pouco se revela consistente ante a invariável atitude desse homem. Em certa ocasião, a multidão — possivelmente a mesma que agora o insulta e dele escarnece — quis coroá-lo rei, o que ele não só não aceitou, como ainda fugiu para que não consumassem tal intento (João 6:15). A Pôncio Pilatos, o procurador romano que o interrogava, declarou: «O meu reino não é deste mundo». É evidente que Jesus não tinha a intenção de destronar César para ocupar o seu lugar.

Nós, porém, impulsionados pelo desejo de conhecer, tanto quanto seja possível, o caso, prosseguimos indagando, e as respostas recebidas levam-nos de surpresa em surpresa.

Com efeito, ao querer inteirar-nos da qualidade moral do condenado, descobrimos que foi um filho exemplar; com efeito, momentos antes de morrer, encomendara a um dos seus discípulos que se encarregasse de cuidar da sua mãe quando, sem ele, estivesse desamparada (João 19:26, 27). Nunca cometeu um delito; pelo contrário, dedicou a parte mais importante dos seus labores a curar enfermos, quer dizer, a conceder vida. A sua pureza moral é incomparável; não se pode descobrir mancha nele. Não só jamais se apropriou do alheio, como ofereceu tudo em benefício dos seus semelhantes. A mentira nunca maculou os seus lábios; todas as suas palavras eram reflexo fiel da mais cristalina verdade. Nunca invejou nada de alguém; a sua vida inteira foi um constante dar-se a si mesmo em favor dos demais. Que contraste entre essa informação da vida de um homem bom, puro, amável, serviçal e abnegado, e a sua condição de condenado, de delinquente empedernido que tentaram fazer com que parecesse, ao pregarem-no no madeiro da cruz!

O homem moderno, o homem que realiza transplantações de órgãos e viaja à Lua, deve conhecer essa primeira mensagem da cruz para ele: **no Calvário não se fez justiça: assassinou-se um homem bom a quem deliberadamente, por razões inconfessáveis, se pretendeu fazer passar por delinquente.**

Admitimos que o homem moderno, ao ler esse veredicto, poderá encolher os ombros e até sorrir com certa ironia. Mas, cuidado! Esse veredicto pode dizer-lhe respeito.

Quem matou Jesus? Sim, é sumamente importante que o saibamos.

Certo pregador cristão sonhou, uma noite, que se encontrava no palácio de Pôncio Pilatos enquanto Jesus era submetido a julgamento. Viu-O, no sonho, atado a um poste com as costas nuas. Viu o verdugo romano levantando o seu poderoso braço e descarregando com força o açoite sobre o corpo do Mestre. Por duas vezes viu-o repetir esse castigo cruel. A terceira vez pareceu-lhe demasiado, pois amava muito o Senhor. Agarrou-se, então, ao verdugo e tentou, com todas as suas forças, deter-lhe o braço. Quando o verdugo se virou para ver quem o estorvava, o nosso pregador retrocedeu espantado: o verdugo era ele mesmo.

Esse pregador descobriu a segunda grande mensagem da cruz para o homem moderno, esse mesmo homem que se gloria da sua ciência e tecnologia: **cada um de nós é responsável pela morte de Jesus.** As nossas mentiras, os nossos rancores, os nossos ódios, a nossa impureza moral, a nossa desonestidade, a nossa irreverência, a nossa incredulidade, foram as forças que moveram as mentes dos chefes judaicos para acusar, sem razão, a Jesus, que impeliram o cobarde coração de Pôncio Pilatos a condená-l'O depois de haver verificado que não tinha culpa, que açularam a multidão a que pedisse a Sua crucificação, e que actuaram nas mãos dos soldados romanos para cravá-l'O no madeiro da ignomínia. Sim, os nossos pecados mataram Jesus. Espiritualmente, cada um de nós se encontrava no Calvário, quando se consumou esse crime.

Se nos detivéssemos nesse ponto, a mensagem da cruz parecer-nos-ia tremendamente sombria e esmagadora, uma vez que como assassinos que somos, a única coisa que merecemos é a morte (Rom. 6:23, prim. parte). Mas a mensagem da cruz não se detém aqui. Graças a Deus!

Algum tempo antes da crucificação de Jesus, a polícia romana conseguiu deter certos integrantes de uma célula terrorista que lutava na clandestinidade contra a autoridade imperial. Os seus métodos eram o assassinato e o roubo. O chefe dessa célula chamava-se Barrabás. É possível que os dois homens crucificados com Jesus fossem membros da mesma célula.

Digamos alguma coisa acerca de Barrabás. O seu nome vem do aramaico, **bar abbas**, significando «filho de Pai». Não de um pai qualquer — o que não faria sentido — mas do Pai celestial. Noutras palavras, era um falso messias. Com essa isca recrutava os seus sequazes: ele era o pretendido libertador do povo de Israel do humilhante jugo romano. Quando governasse, tudo seria diferente. Mas a sua carreira terminou quando a polícia romana logrou pôr as mãos sobre ele, e quando a justiça romana o sentenciou à morte por sedição, assassinio e furto, juntamente com alguns dos seus seguidores. Imediatamente depois de pronunciada a sentença sobre esse homem e os seus cúmplices, Pilatos, adminis-

trador da província da Judeia, ordenou que se fabricassem a cruz e os cravos para crucificar Barrabás.

No mesmo dia, porém, em que a sentença devia ser cumprida, os judeus trouxeram-lhe outro Homem, Jesus, acusado de blasfêmia e sedição. Depois de interrogá-l'O, o procurador ficou mais do que convencido de que as acusações não tinham fundamento. Quis libertá-l'O, não mediante uma sentença clara e conclusiva, que poderia contribuir para diminuir a sua popularidade entre os dirigentes judaicos e, possivelmente, causar a sua destituição, mas mediante um procedimento eminentemente político: o veredicto popular. O povo iria decidir a questão democraticamente!

O assombrado Barrabás foi introduzido no pretório. Possivelmente imaginava que havia sido tirado do calabouço a fim de ser levado ao local de execução quando se viu frente aos dignitários romanos e judeus, no balcão do palácio governamental. Ao seu lado percebeu um desconhecido coroadado de espinhos, com as mãos atadas às costas. Barrabás nada entendia do que se passava.

— «Quereis que vos solte o rei dos judeus?», perguntou ansiosamente Pôncio Pilatos, com a esperança certa de que a multidão responderia: «Sim!!!» Nesse caso, Jesus poderia ir-se embora sem culpa, como lhe corresponderia, e ele, Pilatos, livrar-se-ia da responsabilidade perante os chefes judeus.

Mas alguma coisa saiu mal no seu plano. Os dirigentes judeus, ao que parece, demonstraram-se melhores activistas políticos que o procurador romano e moldaram a opinião pública de tal sorte que a resposta do povo, em lugar de ser a que o governador esperava, foi que lhes soltassem a Barrabás e crucificassem Jesus.

Com sincero pesar, sem dúvida, mas enredado nos laços da sua própria armadilha, Pôncio Pilatos teve que cumprir a sentença do povo. Barrabás, o verdadeiro sedicioso, blasfemador, ladrão e assassino, saiu livre, completamente livre, e Jesus ocupou o seu lugar no madeiro da execução. Foi cravado na cruz de Barrabás, com os cravos a ele destinados.

Querido leitor: tu e eu, postos no balcão do Universo junto ao divino Mestre, parecemo-nos mais com Barrabás do que com Jesus. Mas, tal como no caso de Barrabás, devido a que Jesus se dispõe a ocupar o nosso lugar, podemos sair livres, enquanto o Mestre morre na cruz, com os cravos que nos eram destinados.

Essa é a grande e sublime mensagem da cruz para o homem moderno. **Jesus morreu por nós.** Ocupou o nosso lugar na cruz do Calvário. Ele, o inocente, apresentou-se como réu, como criminoso, para que nós, os réus, os criminosos, pudéssemos sair em liberdade como se fôssemos inocentes.

«Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para que todo o que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». João 3:16.

De todo o nosso coração, aceitemos o sacrifício feito por Cristo para a nossa salvação, de modo que quando Ele vier para estabelecer o Seu reino, nos possa encontrar entre os Seus súbditos. Não hesitemos em tomar essa decisão. Resta-nos pouco tempo!

O PREÇO DA NOSSA LIBERDADE

A MORTE DE JESUS FOI UM ACTO VOLUNTÁRIO DE AMOR

Roberto Rabello

O NOSSO texto é I Pedro 1:18, 19: «... sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo».

Procedimentos da Crucifixão

Era costume dos romanos açoitar os réus condenados à crucifixão. Fizeram isso com Jesus, logo que terminou a farsa do Seu julgamento. Na verdade, o Senhor Jesus Cristo foi açoitado duas vezes. Esse castigo era infligido com um açoite de tiras de couro, às quais estavam presas lâminas de metal ou de osso, para tornar o sofrimento mais intenso. Para isso, a vítima era despida e amarrada a um poste. A intensidade da dor produzida era tal que muitos desmaiavam, e outros enlouqueciam.

Depois de açoitado, o condenado era conduzido ao local da execução, levando sobre os ombros a parte transversal da cruz — o patibulum —, cujo peso era de aproximadamente 45 quilos. À sua frente ia um arauto com a acusação escrita do condenado. O percurso escolhido eram as ruas mais movimentadas, para a vituperação da vítima. Também esse tratamento foi dado a Jesus.

Que sensação deve ter tido Barrabás, o homicida e sedicioso, ao ver posta sobre Cristo a cruz que tinha sido preparada para ele! Literalmente, Jesus tomou o lugar de Barrabás, provando a morte física a que ele fora condenado. O Prof. Roy Anderson, no seu livro **Love Finds a Way**, chama a atenção para o facto de que o nosso Barrabás significa «filho de um pai». «Como tal, ele representa todos os filhos de todos os pais da raça adâmica» — ele representa cada um de nós, que somos pecadores. Por Sua morte na cruz, o Senhor Jesus Cristo sorveu o cálice reservado para cada um de nós. (P. 71).

No local da execução, o condenado era despido, deitado sobre a cruz e a ela amarrado ou pregado. No caso de Jesus, eles pregaram-n'O ao madeiro. Isto, segundo o Prof. Anderson, em certos casos era feito de modo a provocar a mais aguda dor. Os cravos eram metidos no pulso, na área chamada «espaço de Destot». O cravo aí metido atingia o nervo

médio, que serve todos os nervos sensoriais da mão, e causava a mais violenta dor. Jesus teve as mãos traspassadas (João 20:25, 27; Isaías 49:16), mas considerando que em algumas ocasiões os cravos eram metidos nas palmas das mãos e também nos pulsos; considerando ainda que não há evidência de haverem eles sido metidos só nas mãos, bem podemos crer que, no caso de Jesus, eles o foram nas mãos e nos pulsos. Os célebres pintores flamengos Rubens e Vandyke assim representam a crucifixão. E a arqueologia confirma isto. (**Love Finds a Way**, pp. 81, 82).

Depois de pregadas as mãos, quatro homens levantavam a vítima, pendurando-a na parte vertical da cruz. Então dobravam-se-lhe os joelhos e, segundo algumas autoridades, cruzavam-se-lhe os pés, prendendo-se os mesmos à cruz com um longo cravo. Isto, com uma ponta de madeira em que o corpo se apoiava, permitia à vítima erguer-se para expelir o ar dos pulmões e assim evitar a asfixia.

Sufrimento Físico e Mental

Além do sofrimento causado pelas feridas dos cravos e pela incômoda posição, tinha a vítima de suportar a violenta dor de cabeça que se manifestava como consequência da sobrecarga de sangue nas artérias do estômago e cabeça. Havia também a febre traumática e, com frequência, infecção tetânica, as convulsões da qual muito contribuíam para aumentar a dor das feridas dos cravos. A forte sede era ainda outro suplício. Não admira que os escritores contemporâneos se refiram à morte de cruz como a mais dolorosa forma de execução.

Relata o Evangelho: «e foram crucificados com Ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda». Mat. 27:38. O lugar do centro era reservado ao chefe de um grupo de bandidos. Com isto quizeram os inimigos de Jesus acrescentar opróbio à afronta. A sua cólera descarregava-se contra o inocente Filho de Deus, mesmo quando Ele pendia da cruz. Os guias religiosos e a endurecida plebe, por eles instigada, coligaram-se em satânico frenesi. «Os que iam passando», escreveu Mateus, «blasfemavam dele, meneando a cabeça, e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-

-te a ti mesmo, se és Filho de Deus! E desce da cruz! De igual modo os príncipes dos sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salva os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creeremos nele. Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se de facto lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus. E os mesmos improperios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com Ele». Mat. 27:39-44.

Como são diferentes dos nossos, meus amigos, os caminhos de Deus! Na humilhação estava a exaltação; na aparente derrota, a vitória. Porque o Filho de Deus se esvaziou, «assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homem; e, reconhecido, em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai». Filip. 2:7-11. Que tremendo erro cometiam aqueles homens julgando Jesus pelas aparências! Não haverá o perigo de incorrerem nós em erro semelhante quanto ao povo e caminho de Deus hoje?

Maior que o sofrimento físico, maior que o sofrimento decorrente das afrontas dos homens, era o que provinha da consciência da separação do Pai. Daí o que o autor sagrado diz: «Por volta da hora nona (três horas da tarde), clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lemá sabactâni, que quer dizer: Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?» Mat. 27:46.

Comentando isto, diz **O Desejado de Todas as Nações**: «Sobre Cristo, como nosso substituto e peñhor, foi posta a iniquidade de nós todos. Foi contado como transgressor, a fim de que nos redimisse da condenação da lei. A culpa de todo o descendente de Adão pesava-lhe sobre a alma. A ira de Deus contra o pecado, a terrível manifestação do Seu desagrado por causa da iniquidade, encheram de consternação a alma do Seu Filho. Toda a Sua vida anunciara Cristo ao mundo caído as boas novas da misericórdia do Pai, do Seu amor cheio de perdão. A salvação para o maior pecador fora o Seu tema. Mas agora, com o terrível peso de culpas que carrega, não pode ver a face reconciliadora do Pai. O afastamento do semblante divino, do Salvador, nessa hora de suprema angústia, penetrou-lhe o coração com uma dor que nunca poderá ser bem compreendida pelo homem. Tão grande era essa agonia, que Ele mal sentia a dor física». P. 561.

O Testemunho da Natureza

A própria Natureza inanimada simpatizou com o seu Autor. O Sol recusou brilhar sobre a espantosa cena. «Desde a hora sexta (meio-dia) até à hora nona (três da tarde) houve trevas sobre a terra». Mat. 27:45. Essa escuridão, evidentemente muito densa, foi subnatural — na páscoa a Lua estava na fase de cheia e um eclipse era impossível. Nela

Deus velou a agonia final do Seu Filho. Ela devia também servir de testemunho, para que se confirmasse a fé das gerações futuras.

Seis horas depois de ter sido levantado na cruz, o Senhor Jesus Cristo exclamou: «Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito». João 19:30. «Está consulado!» No original grego: **Tetélestai!** Estas são as mais abarçantes palavras já pronunciadas por lábios humanos. Elas são um brado de vitória que sacudiu o Universo inteiro. Ao preferi-las, Cristo dirigiu-Se ao Pai. O seu sentido era: A obra que Me deste a fazer está feita: o carácter de Deus está vindicado, o pecado do homem expiado, a salvação do pecador assegurada; Satanás foi desmascarado, e a sua destruição, bem como a do pecado, que ele originou, garantida.

Ao render Jesus o espírito, um terramoto sacudiu a terra, os rochedos partiram-se, os sepulcros abriram-se, «e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram» (Mat. 27:52); também o véu do templo, em Jerusalém, rasgou-se em duas partes, de alto a baixo, dando a entender que a sombra dos sacrifícios simbólicos do culto hebraico encontrava agora o corpo. Era vindo o verdadeiro sacrifício.

Morreu por amor

A morte de Jesus pelos pecadores foi um acto voluntário da Sua parte. Disse Ele: «Eu dou a Minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou» João 10:17, 18. O Salvador não morreu porque o quisessem os maiores do povo e o governador romano. Ele morreu porque nos amava.

Após o bombardeio de Liège, na Bélgica, turmas de salvamento trabalharam durante quatro dias e quatro noites para retirar as vítimas de sob os escombros. Quando pareciam que tinham sido todas removidas, vivas ou mortas, ouviu-se um débil gemido de criança. Parecia impossível que um bebé pudesse ter sobrevivido ao frio daqueles quatro dias. Mas lá estava a criança — ainda viva. Qual o segredo? Ela estava abrigada sob o corpo da mãe. Evidentemente, ao perceber o perigo iminente, a extremosa e brava mãe deliberadamente curvara o corpo sobre a criança. E recebeu o pleno impacto dos escombros que caíam.

Admiramos tal rasgo de amor. Mas essa mãe morreu pelo seu próprio sangue, pelo filho que a amava. Jesus morreu por inimigos. «Mas Deus», escreveu Paulo, «prova o Seu próprio amor para conosco, pelo facto de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores». Rom. 5:8.

Terá essa estupenda manifestação de amor sido em vão para ti, amigo? E para mim? Amor com amor se paga. Porque Cristo assim nos amou, nós devemos amá-l'O com amor supremo. Devemos viver para Ele. Devemos servi-l'O com fidelidade. «E Ele morreu por todos», diz a Escritura, «para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou». II Cor. 5:15.

CARACTERÍSTICAS DOS 144.000

Nos últimos dias haverá dois principais grupos de pessoas na terra. Cada um desses grupos terá certos sinais que permitirão identificar os indivíduos que o compõem.

Gerhard F. Hasel

QUEM SÃO OS 144 000 do livro do Apocalipse? Esta pergunta tem despertado a curiosidade tanto de leigos como de teólogos. João o Revelador apresenta esse grupo nos capítulos 7 e 14 de Apocalipse. No capítulo 7, vê-os sendo assinalados, e no capítulo 14 vê-os «sobre o Monte Sião». Como seguidores leais de Cristo, eles têm certas características. Contrastam com o grupo das pessoas que têm o sinal da besta nas suas testas (ver Apoc. 13:16, 17).

No momento que antecede a grande consumação, todos os seres vivos do globo serão divididos em dois grupos principais, cada um com certos sinais que permitirão identificar facilmente os seus membros. A decisão sobre a qual grupo pertencer é um assunto de vida ou de morte. E isto tem que ser decidido aqui e agora. Todo o ser humano decide o seu próprio destino. De quem se fará aliado? Que nome o identificará? Que sinal, ou selo, ostentará? Que sistema seguirá?

Há várias características importantes que identificam os 144 000 de Apocalipse 7 e 14. Primeiro, têm o nome do Cordeiro e do Pai escrito nas suas testas (14:1). Que importância tem esse nome? No pensamento bíblico há uma associação estreita entre uma pessoa e o seu nome, associação essa alheia ao esquema de pensamento ocidental.

Nos tempos antigos, o nome identificava a natureza e a personalidade do indivíduo que o usava. Na medida em que os 144 000 têm o nome do cordeiro e do Seu Pai, participam da natureza e da personalidade de ambos. São a imagem de Deus (cf. Gén. 1:26) no sentido mais verdadeiro.

Com a concessão de um nome afirma-se o direito de propriedade. Mais ainda: isso significa adopção na família de Deus. Toda a pessoa que recebe estes nomes entrou para uma existência nova, experimen-

tou uma mudança de domínio e passou a viver sob a autoridade e protecção do amável Pai e do Seu misericordioso Filho (cf. Deut. 28:10; Isa. 43:7; 63:19; 65:1; Dan. 9:18, 19). Isto constitui os direitos de adopção.

Significado do Nome na Testa

Acontece que o nome é escrito na «testa» (Apoc. 14:1). Os neurologistas dizem-nos que a secção frontal do cérebro, aquela que mais próxima está da testa, é a parte que se relaciona com os processos do pensamento abstracto, incluindo o poder de raciocínio e dedução lógica. Tem-se sugerido que se menciona a «testa», por ser a parte do corpo atrás da qual se situa a secção do cérebro onde se efectuam os processos principais do pensamento. Se a sugestão for correcta, então parece razoável concluir que aqueles que têm este nome estavam, pelos processos do pensamento, tão firmados na verdade, na essência da natureza do Cordeiro e do Seu Pai, que nenhuma teoria ou suposição, nenhuma perseguição ou dificuldade, nada debaixo de todo o céu, os poderia separar da sua fé e aliança com Aquele que os comprou com o Seu próprio sangue. Resistiram durante o tempo da angústia de Jacob (Dan. 12:1-3). Não foram atingidos no grande dia da ira de Deus (Apoc. 6:17). Estiveram sob a protecção do Alfa e Ômega (Apoc. 22:13).

Outra característica dos 144 000 é o facto de que «foram comprados» (Apoc. 14:3). A palavra está literalmente traduzida, no versículo 3, do grego **agorazô**. O termo descritivo foi bem escolhido, porque foi o Cordeiro quem pagou o preço do resgate da escravidão do pecado com o Seu próprio sangue (cf. I Cor. 6:20; 7:23; II Ped. 2:1; Apoc. 5:9; 3:18; 13:17; 18:11).

Mas, juntamente com a ideia de terem sido comprados, está também a ideia de separação do mundo. Por um lado, a compra dos remidos é um acto de

Gerhard F. Hasel, doutor em Filosofia, dirige o programa de Teologia e preside ao Departamento de Antigo Testamento do Seminário Teológico da Universidade Andrews, nos Estados Unidos.

Deus por intermédio de Jesus Cristo, em que o homem não tem qualquer mérito próprio; por outro lado é um acto de separação «da [apo] terra» (vers. 3) e «de [apo] entre os homens» (vers. 4). Em contraste com a multidão humana assinalada com o nome e o número da besta (Apoc. 13:17), os 144 000 recebem na testa o selo de Deus. A pergunta importante a fazer é se cada pessoa que tem conhecimento destes factos pode afirmar que foi comprada por Deus, adquirida por intermédio do sangue do Cordeiro. Só a providência divina conduz à salvação e à entrada para a família de Deus, o remanescente. Este remanescente entrará na glória eterna no tempo da consumação.

As palavras enigmáticas de que estes comprados «não estão contaminados com mulheres, porque são virgens» (Apoc. 14:4) foram explicadas de diversas maneiras. Parece seguro concluir, na base da natureza simbólica do Apocalipse, que a abstenção da «imoralidade com mulheres» (N. A. B.) se refere à sua recusa de consentir em práticas idolátricas, que são comparadas ao adultério e à prostituição (Apoc. 2:14, 15, 20-25; 17:1-7; cf. Ezeq. 16:1-58; 23:1-49). Os 144 000 não tiveram relações ilícitas com «a grande prostituta» (Apoc. 17:1), «a grande Babilónia, a mãe das prostituições» (vers. 5), nem com as prostitutas suas filhas. Não há qualquer mistura entre a comunidade remanescente de crentes e as comunhões religiosas falsas, mãe e filhas.

Significado do Termo «Virgens»

Os 144 000 são «virgens». O termo grego assim traduzido não implica que todos sejam mulheres. O termo aplica-se aos membros de ambos os sexos, como, aliás, também acontece com a palavra portuguesa **virgem**. O seu estado de virgindade indica que têm o sinal da pureza. São castos e mantêm-se num constante estado de pureza. Conservaram uma fé incorrupta. A recusa de se envolverem em relações ilícitas com outros corpos religiosos é um sinal de que tiveram êxito na observância do seu concerto com Deus. Só conhecem uma relação: a verdadeira relação amorosa de fé com o Pai e com o Cordeiro que os comprou da escravatura mundana do pecado e os tornou filhos adoptivos de Deus.

A observação de que «na sua boca não se achou engano» (Apoc. 14:5) sugere que se fez uma investigação a respeito do seu carácter. O poder transformador do Cordeiro fê-los mudar de seres pecaminosos, que erravam e eram desonestos, para pessoas que não são nem pretensiosas, nem fingidas, nem enganadoras, nem desonestas.

A razão da fidelidade da última geração de fiéis remanescentes está na sua irrepreensibilidade. «São irrepreensíveis» (Apoc. 14:5). A palavra grega **amômos** é traduzida em diversas versões por «sem defeito», «sem mancha» e «sem falha». Tem a conotação de irrepreensível num sentido moral e religioso. Era o objectivo designado por Deus para a comunidade cristã primitiva. «Para que fôssemos santos e irrepreensíveis, diante d'Ele» (Efés. 1:4),

escreve Paulo aos efésios (cf. 5:22). Os filipenses deviam ser «irrepreensíveis e... inculpáveis» (Filip. 2:15). Diz-se que Cristo apresenta perante o Pai os colossenses «santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis» (Colos. 1:22). Aqueles que desejam um novo céu e uma nova terra devem procurar ser «achados imaculados e irrepreensíveis, em paz» (II Pedro 3:14).

Um Cântico com Origem numa Experiência Única

Noé, que viveu «conforme a tudo o que Deus lhe mandou» (Gén. 6:22; cf. 7:5), foi declarado inculpável e aparecem, ele e a sua família fiel, como únicos sobreviventes da destruição mundial pelo Dilúvio. Noé e a sua família foram os remanescentes da primeira destruição do mundo, e portanto podem ser considerados como um tipo dos remanescentes, em número de 144 000, que hão-de sobreviver à segunda destruição do mundo, na segunda vinda de Cristo. Se os 144 000 hão-de seguir também Cristo no Monte Sião, para onde quer que Ele vá (Apoc. 14:4), então têm de andar com Ele antes que volte à terra em glória. O seu antepassado espiritual, Enoc, «andou com Deus» (Gén. 5:24) até entrar no céu; eles também hão-de andar com Deus, e sob a direcção do Cordeiro, até entrar na sua morada celestial.

Nessa nova Jerusalém celeste, hão-de cantar um «cântico novo diante do trono» (Apoc. 14:3). Esse «cântico novo», que só eles podem aprender, tem origem na sua experiência única de serem a última comunidade de fiéis que passaram pelas quase subjugantes tribulações, o tempo da angústia de Jacob, para ser testemunhas da vida do seu Senhor.

Quem são os 144 000 do livro do Apocalipse? Esta pergunta é respondida em Apocalipse 7 e 14. Os 144 000 são seres humanos que foram a última comunidade de fiéis remanescentes. São identificados por (1) terem o nome do Cordeiro e do Seu Pai escrito nas suas testas (Apoc. 14:1); (2) o facto de terem sido comprados da terra e de entre os homens (vers. 3, 4); (3) terem-se mantido incontaminados com ligações ilícitas com comunidades religiosas falsas (vers. 4); (4) o sinal de pureza (vers. 4); (5) o sinal de fidelidade (vers. 5); (6) o sinal de inculpabilidade moral e religiosa (vers. 5); e (7) seguirem o Cordeiro aonde quer que Ele os conduza (vers. 4).

A pergunta «quem?» relaciona-se connosco. Conhecer os sinais de identificação não basta. O que mais interessa é saber se cada um de nós tem esses sinais de identificação. Vivemos nós numa união total e em íntima relação com o Senhor, dia a dia, de modo que a nossa personalidade moral e religiosa se funda com a Sua personalidade? Se não, então a mensagem dos 144 000 apela para que façamos essa experiência, e assim vivamos o começo da vida eterna, de maneira a podermos passar da morte para a vida (I João 3:14; João 5:24; Efés. 2:1) e ser contados no número dos 144 000.

AS LEIS DOMINICAIS

Entrevista do Pastor Gaston Clouzet ao Dr. Humberto Raul Treiyer

SEGUNDA PARTE (A primeira parte foi publicada na «RA» de Março, págs. 1, 4, 5 e 6)

PERGUNTA: Ouvimos dizer que Harold Lindsell, director da revista «Christianity Today», tem opiniões muito interessantes acerca deste tema. Poderia o irmão dizer-nos quais são essas opiniões e a sua impressão a esse respeito?

RESPOSTA: Harold Lindsell, director da prestigiosa revista teológica «Christianity Today», é uma figura muito conhecida nos círculos religiosos dos Estados Unidos. Durante vários anos foi professor de teologia no Fuller Seminary, em Pasadena, na Califórnia, e é autor de diversos livros. O último deles, «The Battle for the Bible», está a agitar, nos Estados Unidos, uma apaixonada controvérsia acerca da inspiração da Bíblia. Lindsell é membro activo da Aliança do Dia do Senhor e, na reunião desta entidade, a que já nos referimos, foi um dos que mais pugnou pela implantação da observância religiosa do domingo por meio de uma legislação nacional ou federal. O artigo a que o irmão se refere, e que apareceu no número de 7 de Maio de 1976 da revista que ele dirige — naturalmente muito bem escrito — representa não só o ponto de vista do autor, como também o de um numeroso grupo de evangélicos que o apoiam. Penso que um resumo e a transcrição de alguns parágrafos desse artigo intitulado «O Dia do

Senhor e os recursos naturais» poderá ter bastante interesse para os nossos irmãos.

Começa Lindsell as suas considerações, lamentando que a observância do domingo esteja virtualmente morta presentemente, e isto não apenas em países de ideologias secularizadas ou ateias, como inclusivamente nos Estados Unidos. A razão do problema nos países cristãos deve-se ao crescente processo de secularização que as igrejas têm vindo a sofrer, particularmente pelo impacto do liberalismo teológico. «A orientação actual de muitos dos teólogos da Igreja tem anulado o anterior conceito que considerava as Escrituras como autoritativas e normativas. Numa época em que até mesmo as doutrinas cardiais da salvação da fé cristã foram viciadas, e em que o sincretismo e o universalismo, além de um culto da revolução e de um movimento para uma forma marxista de socialismo, aprisionaram a Igreja, a ideia de um mandamento de observância obrigatória do dia de repouso parece anacrónica.»

O mesmo fenómeno se observa até entre os evangélicos. Apesar de ainda pretenderem considerar as Escrituras com toda a seriedade, já não apoiam a observância do domingo com verdadeiro entusiasmo. «Considerada no contexto da teologia evangélica, que salienta a doutrina da graça e nega que o homem possa alcançar a salvação por alguma obra, a liberdade, que é indubi-

tavelmente bíblica, foi mal compreendida.» A este antinomianismo generalizado, segundo Lindsell, acrescenta-se a grande influência que exerce sobre os evangélicos a ética situacional. Quando se põs em questão a legitimidade das tradicionais proibições relativas ao cinema, ao álcool, às cartas de jogar, aos bailes, etc., também se atacou a que se relaciona com o domingo.

Na sua longa introdução, em que lamenta com realismo a situação existente, Lindsell inicia a exposição do que ele considera ser a única solução para o problema: «O dia de repouso é o dia de Deus. Mas Jesus disse que o homem não foi feito por causa do sábado, senão que o sábado foi feito para o homem. Isto sugere os dois aspectos que desejo propor à nossa consideração: o primeiro tem que ver com o homem na sua correcta relação com Deus; o segundo, com o homem na sua relação correcta com a natureza. Os cristãos devem aprender este duplo significado do dia de repouso, e chegar ao ponto em que realmente pratiquem a observância do domingo e utilizem as suas energias como membros do reino de César para conseguir que as nações seculares façam o mesmo, ainda que por razões diferentes. Em primeiro lugar, os cristãos celebram o Dia do Senhor porque pertence a Deus, e durante esse dia podem adorar a Deus convenientemente e com confiança e temor reverentes. Porém o sábado

encerra em si mais do que o elemento religioso ou que a relação do homem com Deus em adoração e consagração. Foi e é parte da revelação natural de Deus ao homem na própria natureza. Os homens, quer sejam crentes ou descrentes, são parte da natureza e necessitam do domingo como habitantes desta terra, tal como dependem fisicamente da água, do ar e do solo.»

Acrescenta Lindsell a seguir: «É importante, até mesmo para os cristãos, saber que estão ligados ao dia de repouso porque ele foi feito para o bem-estar físico do homem. E é este aspecto do dia de repouso que pode ser usado para convencer os homens não-redimidos a guardá-lo também, ainda que por razões diferentes, as quais podem ser independentes da função primária do dia de repouso, que é a adoração a Deus. A razão que os cristãos devem apresentar para convencer aqueles que não são regenerados a guardarem o dia de repouso é porque eles o necessitam, que será para o seu bem, e que o descuido na observância desse dia tem um efeito devastador sobre os homens e os leva a um desastre do qual não podem escapar. Neste sentido, poder-se-ia dizer que a observância externa do domingo pelos incrédulos poderia ser uma forma de pré-evangelismo que abrisse a porta para a propagação do Evangelho.»

Explora então o escritor algumas das formas pelas quais o homem se encontra vinculado à natureza, tais como a do alimento e a dos minerais. Em ambos os casos, as possibilidades da terra são limitadas e podem esgotar-se, enquanto que a população da terra aumenta constantemente. O homem não só altera o equilíbrio da natureza, como também, utilizando-a de maneira imprópria, acarreta sobre si mesmo consequências desastrosas. Para citar um exemplo: «Toda a gente sabe que o tabaco e o álcool são dois dos maiores inimigos do homem. Apesar disso, utilizam-se grandes porções de terreno, de esforço humano e de minerais para produzir esses males perniciosos. E o homem resiste obstinadamente a todos os esforços para modificar as coisas, ainda que saiba que o deveria fazer. A pessoa que con-

some esses produtos, não se prejudica apenas a si própria; também prejudica outros. O fumo do tabaco é um agente de poluição que afecta aqueles que não fumam mas estão sujeitos aos nocivos gases exalados por fumadores que não têm consideração pelas outras pessoas. Cereais que poderiam ajudar milhões de famintos são transformados em bebidas alcoólicas que causam acidentes nas fábricas e no trânsito, e impõem uma pesada carga em cirroses hepáticas e uma multidão de outros males que assediavam aqueles que as usam em excesso.»

«Tudo isto — afirma Lindsell — nos leva agora à consideração do princípio do dia de repouso na sua relação com a maior de todas as crises que o homem jamais terá enfrentado: a escassez de energia.» O problema do esgotamento das reservas de combustíveis coloca o homem perante a necessidade de agir urgentemente. «E isto está ligado ao mandamento do dia de repouso, quer o encaremos do vantajoso ponto de vista da devoção a Deus e da obediência à Sua revelação especial, quer do ponto de vista da devoção ao Criador, através da revelação natural e da inter-relação do homem com a natureza.»

Nem os homens nem as máquinas podem trabalhar incessantemente. Durante a Segunda Guerra Mundial, a necessidade do esforço bélico levou ao estabelecimento da semana laboral de sete dias, mas essa medida não se traduziu num incremento da produtividade. Pelo contrário, esta diminuiu até passar para baixo do nível que se tinha conseguido trabalhando seis dias e descansando um. A razão é tanto fisiológica como psicológica, e isto coloca-nos em face das leis naturais, que são de origem divina, e que não podem ser ignoradas impunemente. «Quer isso agrade ao homem quer não, Deus estruturou o Seu universo de tal forma que quando o homem quebranta as leis físicas de Deus, acaba sempre por se quebrantar a si mesmo. O homem deve obedecer às leis da natureza para seu próprio bem.»

Na mesma linha de pensamento, Lindsell acrescenta: «Isto é particularmente certo hoje, por causa da crise de energia. Seria fácil

pintar um quadro verdadeiro dos benefícios que o povo de qualquer nação poderia obter se obedecesse à lei natural de Deus, de descansar um dia em cada sete. Isto envolveria fechar todo o comércio, incluindo as estações de serviço e os restaurantes, no Dia do Senhor. Uma vez que está generalizada a semana de cinco dias de trabalho, não há nada que uma pessoa tenha de fazer que não possa ser feito em seis dias. Ninguém precisa de comprar alimentos, comer num restaurante ou comprar outras coisas no sétimo dia. Obviamente, haverá sempre obras de misericórdia e de necessidade que requerem atenção no dia de repouso.»

No caso dos Estados Unidos, segundo Lindsell, se a população se conservasse fora das estradas ao domingo, «com excepção da assistência à igreja ou a atenção a outras necessidades genuínas, a crise de combustível resolver-se-ia ou, pelo menos, quase se resolveria.» Não é verdade que as pessoas comprem menos quando não podem comprar ao domingo. Por outro lado, «haveria uma economia imediata de 15 por cento em combustível, electricidade e coisas semelhantes. As pessoas estariam em condições de dispor de tempo para dedicar à família, para descansar e distrair-se num ambiente menos congestionado, e também o ar das grandes cidades poderia refazer-se da contaminação, provocada principalmente pelos escapes dos automóveis e o fumo das fábricas.» Ainda mais: «Poderia até acontecer que esta espécie de domingo pudesse dar ao homem tempo para reflectir acerca da sua relação com a natureza, e por sua vez da sua relação com o autor da natureza, levando-o ao conhecimento de Deus. O cansaço da vida com um domingo secularizado, uma frenética busca de prazer e um hedonismo descontrolado, não podem fazer bem algum.»

Como conseguir essa observância do dia de repouso? «O uso correcto do Dia do Senhor, totalmente à parte de qualquer implicação religiosa, pode conseguir-se por livre escolha ou pode ser legislado. É altamente improvável que se pudesse estabelecer por acção voluntária dos cidadãos em geral. Portanto, a única maneira de conseguir

o objectivo é pela força de um acto legislativo, através dos representantes do povo devidamente eleitos.» O ideal seria que tal acção legislativa tivesse por base o melhor fundamento, isto é, o religioso. «Porém, à falta dele, ainda é bom que se realize, mesmo que a razão para o fazer seja secular e tenha em mente apenas o bem-estar geral do homem e os benefícios que isso lhe trará.»

Culmina Lindsell o seu interessante artigo com este incisivo apelo: «A nossa fé vincula-nos estreitamente à proposição de que devemos amar o nosso próximo como a nós mesmos. Não poderia haver melhor maneira de cumprir a segunda tábua da lei, do que fazer pressão para conseguir uma legislação social que beneficie o nosso próximo, mostrando-lhe assim pelo nosso esforço que o amamos tanto quanto nos amamos a nós mesmos. Esta seria uma das formas mais elevadas de acção social que podem surgir da nossa confissão de Jesus Cristo como Senhor. Isto evidenciaria a nossa preocupação pelo nosso próximo e identificar-nos-ia com a humanidade comum e perdida numa área de grande necessidade.»

«As más notícias são que, não se fazendo nada, ou fazendo-o precipitadamente, a condição do homem piorará. As boas notícias são que Deus nos deu sabedoria e habilidade, por meio das quais a pior circunstância pode ser superada e, aproximando-nos do desastre, melhorada. Fomos certamente chamados ao reino para um tempo como este. Façamos alguma coisa para mostrar que vemos a necessidade, que sentimos a oportunidade, e que estamos dispostos a despendê-la a nós mesmos em benefício da humanidade, nesta hora de desesperança.»

É grande a tentação de comentar este artigo com mais pormenor, ou pelo menos sublinhar as suas partes mais significativas, mas preferimos deixar as conclusões para os nossos leitores estudiosos. Quero lembrar, no entanto, que o director de «Christianity Today» dificilmente teria escrito e publicado um artigo como este, se o seu pensamento não correspondesse ao de um sector realmente representativo do pro-

testantismo estado-unidense contemporâneo.

A resposta à sua pergunta tornou-se bastante longa, pastor Clouzet, mas a importância do tema creio que justifica plenamente a sua extensão.

PERGUNTA: Finalmente, como avalia pessoalmente esta situação, e que conselho dá aos leitores da «Revista Adventista» com respeito a estes acontecimentos tão importantes e transcendentais?

RESPOSTA: Seria vasto o comentário que gostaria de fazer para os nossos irmãos, em relação com a seriedade dos tempos em que temos o privilégio de viver, mas nesta ocasião cingir-me-ei apenas a alguns pontos. Em primeiro lugar, o Senhor advertiu-nos com toda a precisão de que, como igreja, justamente antes de terminar o tempo da graça, nos veríamos diante do problema de uma lei dominical. Esta lei importaria primeiramente só a proibição de trabalhar ao domingo; porém, paulatinamente, iria assumindo um carácter cada vez mais opressivo, até se transformar num edito universal de morte para todo aquele que se achesse a continuar a adorar a Deus no dia de sábado, o dia que o Criador estabeleceu e que nunca mudou ou modificou. Em segundo lugar, não devemos necessariamente ver intenções malvadas ou sinistras naqueles que estão impulsionando activamente esta intolerante legislação. O Senhor advertiu-nos de que esta lei será promulgada como uma tentativa sincera — pelo menos por parte de alguns — de conjurar três problemas que afectariam os Estados Unidos, e por extensão o mundo todo. Quais seriam esses problemas? Uma onda avassaladora de imoralidade, uma corrupção política sem precedentes que minaria o amor pela justiça e pela verdade, e um incontrolável aumento das calamidades naturais.

É impossível não notar a sequência quase matemática destes acontecimentos já assinalados: primeiramente, em 1961, o Supremo Tribunal de Justiça dos Estados Unidos declarou que as leis dominicais não são anticonstitucionais. Pouco

tempo depois, o mesmo tribunal viu-se envolvido na embaraçosa questão de determinar o que é obscenidade ou imoralidade. A ambígua e vacilante definição dada pelos juizes abriu as portas à irremediável avalanche de pornografia que está abalando esse país até às suas próprias raízes. No início da década actual, as revelações de escândalos políticos e morais nas esferas oficiais acrescentou nova pincelada ao cenário preanunciado. E quanto às calamidades naturais, seria necessário realmente entrar em pormenores?

Por outras palavras, pastor Clouzet, pela maneira como posso compreender as coisas, o cenário está totalmente montado para que este último sinal indiscutível, prévio à terminação do tempo da graça, se produza. Porque nos teria dado o Senhor um sinal tão claro, e com tantas evidências identificadoras, se não fosse com um propósito extremamente importante e solene? Outras declarações do Espírito de Profecia advertem que postergar a nossa preparação espiritual individual até ao momento da promulgação da lei dominical poderia tornar-se fatal.

Em síntese, a lei dominical nacional ou federal nos Estados Unidos não foi ainda promulgada. Em consequência, ninguém ainda recebeu o «sinal da besta», e algo de semelhante se poderia dizer acerca do selo do Deus vivo. Não se trata de saber quando será promulgada esta lei que abrirá as portas à avassaladora voragem dos acontecimentos finais, mas sim de saber se estamos preparados para a tormenta que está a ponto de estalar sobre o povo de Deus, na qual seremos sacudidos e provados individualmente. Meu irmão e minha irmã, reflecte-se plenamente em ti o carácter de Cristo? Essa é a grande pergunta, e só cada um de nós pode responder a ela no íntimo do coração e tomar as decisões que sejam necessárias. E quando pela graça de Deus e do Cordeiro pudermos contemplar as coisas na perspectiva da eternidade, comprovaremos o que repetidas vezes o Senhor nos tem assegurado: nenhum sacrifício que tenhamos tido o privilégio de realizar pelo nosso Senhor nos parecerá realmente grande.

SAÚDE RADIANTE-4

RESPEITAI O VOSSO CORAÇÃO

Dr. Clifford Anderson

O CORAÇÃO é o grande centro pulsante da vida. Nenhum outro órgão leva sobre si tanta responsabilidade. Todas as partes do corpo humano dependem do coração. Os pulmões dão-nos a possibilidade de respirar. Os rins filtram as toxinas encontradas no sangue. Mas o órgão de que todos os outros dependem é o coração.

Constantemente, dia e noite, este estupendo maquinismo continua ininterruptamente a pulsar. Quando estamos em repouso, ele bate devagar, conservando as suas grandes reservas para o momento em que sejam mais necessárias. Se surge uma emergência, o coração aumenta imediatamente o seu ritmo de trabalho, tornando assim mais rápida a circulação do sangue a fim de que este possa atingir, mais depressa, a zona em que a sua presença e renovação se tornem mais urgentes.

Conservando saudável o coração

Quando o coração é forte e saudável, todo o corpo beneficia. Quando, ao contrário, está doente, todo o corpo sofre. Eis porque é importante cuidar bem do coração, pois da sua condição depende a nossa possibilidade de usufruirmos da vida o melhor.

Se colocarmos a palma da mão sobre o peito, um pouco para o lado esquerdo, sentiremos o movimento do coração. A função desta máquina, uma espécie de bomba aspirante-premente, é empurrar a corrente de vida, o sangue, a todas as partes do corpo, alimentando as células e removendo os resíduos. Se o coração falhar, todo este sistema de transporte cessará.

Estamos dando ao nosso coração toda a atenção que ele merece?

Pode o coração ser forçado por demasiado trabalho? Não. Por estranho que pareça, é quase impossível causar dano ao coração por excesso de trabalho. O coração é prejudicado por doença e por hábitos de vida errados e não por actividade física, mesmo violenta. Mas, uma vez que este órgão haja sido danificado por doença, poderá ser necessário evitar uma actividade física demasiada. Um coração danificado pode ser forçado para além dos limites da sua capacidade.

Uma bomba poderosa

O coração é uma bomba muscular muito eficaz. O seu poder depende inteiramente da condição das fibras que constituem as suas paredes musculares. Qualquer coisa que danifique estas fibras produzirá mudanças notáveis na circulação do sangue através de todo o corpo. Há muitos factores que determinam um volume e pressão constantes do sangue. Por exemplo: a condição das válvulas do coração, o efeito que tem o sistema nervoso sobre a secção dos vasos e a quantidade de fluido na corrente sanguínea. Todos estes factores são importantes, mas a condição do músculo do coração é um factor de primeira ordem.

Algumas das causas de perturbação deste órgão derivam de condições degenerativas, como a obesidade. Muita gente come muito mais do que devia e faz muito menos exercício físico do que seria necessário. Outros vivem debaixo de preocupação constante e não repousam o suficiente. Estes factores tendem a enfraquecer o corpo e a dificultar a circulação normal do sangue. As artérias também podem endurecer e perder a sua elasticidade

normal. Esta condição pode causar um aumento da pressão sanguínea e conseqüente aumento do trabalho do coração.

Felizmente que o coração é constituído por fibras fortíssimas que não se danificam com facilidade. Os músculos do coração são diferentes na forma como estão reunidos. São mais resistentes do que qualquer outro tecido muscular do nosso corpo. Nenhum outro órgão pode trabalhar tanto tempo e tão vigorosamente como este. Se for boa a nossa saúde, o nosso corpo terá cerca de cinco litros de sangue. Esta corrente vital é mantida em circulação pelos movimentos do coração.

O exame do interior do coração revela que está dividido em quatro compartimentos. Estes compartimentos estão forrados por uma substância macia e lisa, o endocárdio, que permite a livre passagem do sangue no seu caminho para os pulmões ou para o resto do corpo. A parte exterior do coração está coberta por uma outra substância, lisa e durável, o epicárdio. Todo o órgão está finalmente envolvido por um saco resistente e fibroso, o pericárdio, o qual protege o coração de possíveis danos exteriores.

Ao mesmo tempo, o pericárdio prove uma espécie de caixa macia, forrada a água, na qual o coração pode mover-se livremente e sem interrupção.

É quase incrível a quantidade de trabalho que este pequeno, mas poderoso órgão, realiza num dia. Em regime normal, o coração bate à volta de 70 vezes por minuto. Isto equivale a mais de 100 000 contracções num só dia, ou sejam 37 milhões num ano! Em setenta anos, a cifra será de mais de 2,5 biliões de contracções! Estes números ultrapassam o nosso entendimento.

Máquina alguma feita pelo engenho humano é tão durável ou eficaz como o coração. Cada dia ele bombeia várias toneladas de sangue. Constitui a bomba mais notável do mundo e, contudo, nem uma só das suas peças é metálica. Embora o seu tamanho não exceda normalmente o dos nossos dois punhos e o seu peso 250 gramas, o coração envia o sangue através de muitos quilómetros de vasos sanguíneos, alimentando cada célula do corpo e ajudando a sua reparação.

Tem sido calculado que há cerca de 96 mil quilómetros de vasos sanguíneos no corpo humano. Se estes fossem colocados topo a topo, dariam duas voltas e meia ao nosso planeta, ao nível do Equador! É muito difícil imaginar a força requerida para manter o sangue a girar por todos estes vasos.

Um poder de reserva enorme

Enquanto vivemos, o coração não interrompe nunca o seu trabalho. Tem

reservas de força para fazer face a qualquer crise. Se tiver sido danificado por doença, repara-se a si mesmo sem deixar de continuar a trabalhar! Se as suas válvulas se tornam espessas devido a uma doença, como a febre reumática, o coração tornará mais espessas as suas próprias paredes, tentando assim compensar qualquer deficiência.

Mesmo enquanto trabalha, as suas células ocupam-se na selecção de materiais que necessitam para o seu crescimento e reparação. Debaixo da pressão de uma doença aguda, ele continuará a trabalhar, dia após dia, a duas ou três vezes a sua velocidade normal, a fim de ajudar o corpo a vencer a batalha.

O coração normal baterá durante oitenta anos ou mais, sem perder nem apenas alguns minutos para reparações, se nós lhe proporcionarmos o alimento e o cuidado que merece. Só a mão do Criador poderia ter construído um órgão tão maravilhoso.

O que leva o coração a bater tão regularmente? Esta pergunta tem desafiado os cientistas durante séculos. Pesquisas demoradas e profundas têm demonstrado que as células que constituem as suas paredes são diferentes, nalguns aspectos, de todas as outras células do corpo. Elas parecem ter uma força inerente que as leva a contrair-se e a distender-se, mesmo quando são cortados todos os nervos que ligam o cérebro ao coração. Com efeito, mesmo antes de termos nascido, o nosso coração embrionário começou a bater espontaneamente, em ritmo lento, antes que os nervos, desenvolvendo-se a partir do cérebro e da espinal medula, tivessem tempo de o atingir!

Então, porque está ligado o coração ao sistema nervoso? Porque ele, como qualquer outro órgão, não foi destinado a viver por si e para si só. A sua responsabilidade é prover força pela qual todo o resto do corpo viva. Tem de movimentar a corrente sanguínea com regularidade, levando alimento a todas as células e removendo as substâncias venenosas que causariam a nossa rápida destruição.

Quando o corpo está em repouso, o coração bate em ritmo calmo e suave. Tem relativamente pouco trabalho a fazer. Mas quando surge um perigo qualquer, ou uma emergência em que são necessárias todas as forças da mente e dos músculos, então o sistema nervoso central envia o alarme a todas as partes do corpo.

Cada órgão responde de forma apropriada. A respiração torna-se mais apressada a fim de prover mais oxigénio aos tecidos. A digestão pára. Pode esperar até que a crise tenha passado. O sistema nervoso chama à acção todas as reservas de energia. O indivíduo prepara-se para a luta ou a fuga, conforme o que lhe parecer melhor na ocasião.

O coração, por seu lado, responde com um grande aumento da sua capacidade e do ritmo. Uma quantidade muito maior de sangue tem de ser bombeada através dos vasos, a fim de providenciar força aos músculos e energia a todas as células. Todas estas variadas reacções são governadas pelas reacções do cérebro e do sistema nervoso central. Quando a crise desaparece, uma outra série de nervos toma o comando das operações, diminuindo o ritmo do coração até ao normal, preservando assim a energia deste órgão vital.

O nosso coração bate conforme as necessidades do corpo. O coração de um atleta, que foi desenvolvido por duro exercício e longas horas de treino, tende a bater mais devagar do que o das outras pessoas. Em crianças de tenra idade, o ritmo cardíaco é quase duplo do dos adultos. Parece também que, quanto mais pequeno é o animal, mais depressa bate o coração. O coração de um rato ou de um canário bate cerca de mil vezes por minuto, enquanto que o de uma grande baleia bate apenas dezasseis vezes por minuto.

Como repousa o coração

A circulação do sangue começa no coração. Este é a bomba que mantém o sangue em movimento. As artérias levam o sangue a todas as partes do corpo, distribuindo o fluido vital a cada célula. A seguir a cada contracção, o coração relaxa-se e repousa momentaneamente. Nesse momento exacto, a válvula aórtica fecha-se enquanto o sangue se movimenta rapidamente através da aorta para todas as outras artérias. As paredes das artérias são elásticas: expandem-se quando o sangue passa por elas a caminho dos vasos mais pequenos. Podemos sentir esta onda pulsante se colocarmos os dedos sobre o pulso, fazendo uma ligeira pressão.

A fim de manter-se em circulação, o sangue tem de ser bombeado a uma certa pressão. De outra forma acumular-se-ia nos pés e não chegaria ao cérebro. Esta pressão é provida pelo coração durante o momento em que se contrai. Nesse instante a pressão no interior do coração é muito elevada. Quando ele se relaxa, a pressão desce a zero. As válvulas do coração tornam isto possível. A válvula aórtica mantém a pressão nas artérias. Podemos facilmente compreender que qualquer mau funcionamento desta válvula tem consequências muito importantes.

As artérias nunca se relaxam completamente

As artérias são diferentes do coração. Elas nunca se relaxam completamente. Mantêm-se sempre em posi-

ção de tensão, conservando abertos os canais de comunicação com todas as partes do corpo. No momento em que o coração se contrai, a pressão nas artérias sobe a 120 milímetros de mercúrio ou mais. Dá-se a esta pressão o nome de alta ou sistólica. Durante o breve instante em que o coração repousa, a pressão arterial desce para 70 ou 80 milímetros de mercúrio, e permanece assim até nova contracção, momento em que sobe novamente para 120. Esta pressão baixa, ou diastólica, é de grande importância. Se ela tende a manter-se acima do normal pode ser uma indicação do começo de tensão arterial elevada, ou hipertensão.

Medir a pressão arterial é fácil, mas muito importante. Uma pressão elevada durante a gravidez poderá indicar a ocorrência de toxemia, uma condição que pode ter consequências gravíssimas tanto para a mãe como para o bebé. A seguir a um acidente, a pressão arterial pode apresentar mudanças bruscas, especialmente em caso de choque, o que representa também uma condição muito grave. As mudanças de pressão arterial ocorrem quando há doenças de coração, desordens endocrínicas e doenças dos rins. Assim, uma interpretação correcta da pressão arterial é tão importante como a sua leitura.

A pressão arterial

O nível da pressão arterial pode mudar por muitas razões. Para algumas pessoas, o simples facto de medir a tensão arterial torna-as nervosas, o que pode ocasionar uma subida da tensão. Em momentos de medo ou de ira, a pressão pode subir cinquenta a cem pontos acima do normal. A simples ingestão de alimentos pode causar alguma mudança. Durante exercício vigoroso a pressão sobe. Em repouso, a pressão desce ao nível básico. Todas estas flutuações são perfeitamente normais. Ocorrem em todas as pessoas.

A pressão é controlada por vários mecanismos. As glândulas supra-renais produzem a adrenalina — uma hormona poderosa. Esta substância provoca a constrição dos capilares, o que ocasiona uma subida de tensão. Ao mesmo tempo provê energia para fazer face a qualquer emergência.

Também notáveis são os seios carótidos, localizados no pescoço, um de cada lado do ângulo do queixo. O seio carótido ajuda a controlar o volume do sangue e a pressão arterial. Se por qualquer razão a tensão começa a descer, o seu efeito é notado nesta área em primeiro lugar. O seio carótido envia uma mensagem ao cérebro. Este responde, ordenando a contracção dos músculos situados nas paredes das arteríolas, o que leva a pressão a subir rapidamente ao normal. Se a pressão tende a subir, o cérebro inverte

o processo — as arteríolas relaxam e a pressão desce ao normal.

Estes vários mecanismos estão constantemente a funcionar, mantendo a pressão ao nível correcto. O sangue tem de ser mantido a uma pressão razoavelmente elevada no interior das artérias, a fim de que possa chegar em volume suficiente a todos os pontos do corpo. Esta pressão é controlada pelas arteríolas.

Semelhante a uma mangueira de jardim

Se a agulheta da mangueira estiver aberta, uma certa quantidade de água sai livremente por ela. Se fecharmos um pouco a agulheta, a mangueira torna-se imediatamente rígida. Está sob tensão. Há menos água a passar por ela, mas a água é projectada a uma distância maior. Vemos assim que a quantidade e a pressão a que a água corre dependem da abertura à saída da mangueira.

O mesmo se passa com as nossas arteríolas. Estas são como milhões de diminutas agulhetas, regulando o volume do sangue que sai do coração para os tecidos do corpo. Quando elas se contraem, a pressão sobe. O coração tem então de fazer um esforço maior, directamente proporcional à contracção. Quando as arteríolas se relaxam, a pressão desce e o sangue passa mais livremente.

As correntes eléctricas do coração

Existe ainda muita coisa que não sabemos sobre o coração e a maneira como funciona. Mas um delicado aparelho, chamado electrocardiógrafo, está a ajudar-nos a compreender algo mais acerca do coração. Este aparelho ajuda-nos também a saber se o músculo cardíaco foi danificado, permitindo-nos normalmente indicar que quantidade de esforço o doente pode fazer, tanto na ocasião como no futuro.

Todas as células musculares geram corrente eléctrica. É isto que as capacita para movimentar-se e levar avante o seu trabalho. O coração, sendo composto principalmente de células musculares, também gera corrente eléctrica que pode ser medida pelo electrocardiógrafo. Estes impulsos eléctricos passam de uma parte do coração para outra, segundo caminhos bem definidos.

Cada parte do coração tem a sua própria voltagem e cronometragem, o que nos permite saber qual é a parte que está enviando sinais em qualquer momento definido. Isto tem um valor incalculável, pois permite detectar qualquer lesão em locais precisos, assim como a sua extensão. Estas correntes eléctricas não ficam confinadas dentro do coração. Elas saem pelos tecidos do corpo até atingirem

a pele. Aqui podem ser captadas pelos eléctrodos do electrocardiógrafo.

A velocidade a que bate o coração é governada por um regulador de velocidade — um minúsculo fragmento de tecido especializado — situado perto da parte superior do coração, do lado direito. Este regulador é semelhante a uma pequena estação emissora de rádio. O impulsos emitidos por ela são captados por uma outra estação situada um pouco mais abaixo. Daqui, elas são transmitidas através de uma rede especial de filamentos que vão dar a todas as fibras musculares dos ventrículos, as câmaras principais do coração. Assim o ritmo do coração é controlado pelos impulsos que chegam ao regulador de velocidade, e estes, por sua vez, são governados pelas necessidades do corpo como um todo.

Estas correntes eléctricas são pequeníssimas mas extremamente importantes, pois são responsáveis por todo o trabalho do coração. Se parassem,

o coração deixaria imediatamente de funcionar.

Como poderemos preservar o nosso coração? Vivendo segundo as leis da vida e da saúde.

Cada órgão do corpo revela a sabedoria do divino Arquitecto. Nada existe de supérfluo ou desnecessário. Há perfeição em cada pormenor. Cada órgão tem o seu próprio trabalho a fazer. Mas, em última análise, todos eles dependem do coração para lhes levar a vida que constantemente passa por eles e através deles. Se queremos na verdade viver uma vida abundante, temos de conhecer, e obedecer, a todas as leis da saúde. É vital aprendermos a viver de tal maneira que cada parte do corpo seja mantida saudável. Mas acima de tudo temos toda a vantagem em aprender a respeitar o nosso coração.

O título do próximo capítulo é: «**Comer para Viver**».

PROJECTOS DO 13.º SÁBADO

PARA A DIVISÃO DA EUROPA DO NORTE E ÁFRICA OCIDENTAL

A **Casa Publicadora** da Noruega, em Oslo, fundada em 1885 pelo irmão John G. Matteson e vista pela irmã White em visão antes de a ter visitado, há 91 anos que está instalada no mesmo edifício. Impõe-se agora uma mudança, pois a área das actuais instalações já não permite a expansão que o desenvolvimento do trabalho exige. Com todo o espaço ocupado, tendo as chapas que ser feitas mesmo de baixo das vigas do sótão, não é possível expandir-se mais. Já foi feita a compra de um novo local fora da cidade; os planos para construir foram desenhados e os irmãos noruegueses aguardam agradecidos os resultados da oferta de 26 de Março para a realização do seu projecto.

□

Toivonlinna, o «Castelo da Esperança», é o nome do Colégio Secundário da Finlândia, magnificamente situado no sul de um país que tem 60.000 lagos e 6.000 adventistas. O trabalho na escola tem sido grandemente prejudicado por falta de acomodações para as raparigas, que têm tido de se alojar em muitos edifícios separados, alguns dos quais já condenados pelos Serviços de Incêndios. Um novo edifício de residência para as jovens

é, portanto, uma necessidade absoluta para a continuação do funcionamento deste importante centro de treino. A juventude da Finlândia conta também com uma parte da oferta especial do primeiro trimestre.

□

Desde 1959, ano em que se fundou o **Seminário Adventista** da África Ocidental, para proporcionar uma melhor educação à juventude adventista daquela região, essa escola tem-se desenvolvido lenta mas constantemente. O constante crescimento do trabalho na costa africana ocidental requer obreiros bem preparados. O grande repto de países como a Nigéria, o Gana, a Libéria e a Serra Leoa, e ainda os de língua francesa, Costa do Marfim, Togo e Alto Volta, abrindo-se à mensagem adventista, leva-nos a sentir a urgência de encontrar espaço para a educação de jovens dedicados. Na actual biblioteca, o espaço mal chega para ficar de pé. O edifício moderno, de traçado funcional, que está em projecto, será em breve uma realidade, graças ao espírito generoso dos membros da Escola Sabatina.

PAUL SUNDQUIST

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DO ALGUEIRÃO

Em 6 de Novembro de 1976, esteve em festa o antigo grupo do Algueirão, pois foi a data áurea da passagem do grupo a igreja organizada, conforme o preceituado no Manual de Igreja, capítulo 14.

A cerimónia, presidida pelo presidente da Associação, Pastor António Baião, foi orientada pelo Pastor do grupo, irmão Alberto Nunes, na companhia dos Pastores Samuel Reis, José Sincer e do representante da igreja da Amadora, irmão Jorge Pires.

Encontrava-se presente, como convidada de honra, a irmã Nazaré Raposo, esposa do falecido Pastor Alberto Raposo, que deu estudos bíblicos ao primeiro membro do grupo, irmão José Sincer.

O programa incluiu um culto solene, feito pelo Pastor António Baião que, perante os crentes e visitas, delineou a história da Igreja Adventista do Sétimo Dia, através dos tempos, incentivando o grupo a prosseguir para o alvo sem desfalecimentos.



Nas fotos: Dois momentos durante a cerimónia de organização da Igreja do Algueirão

Após a oração de consagração e da declaração solene do presidente, de que o grupo passava a igreja organizada, os membros dirigiram-se ao livro para assinar a acta da organização.

Toda a cerimónia decorreu na maior ordem e emoção e foi relevante a actuação do grupo coral da igreja, que tocou profundamente os corações dos presentes através de belos cânticos alusivos ao acto. Pronunciado o voto solene, a nova igreja prometeu fidelidade aos princípios adventistas e comemorou a cerimónia da Santa Ceia.

Assim se deu cumprimento à ordem que o Senhor envia a seus filhos, através do profeta Isaías: «Amplia o lugar da tua tenda e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças; alonga as tuas cordas e firma bem as tuas estacas».

Amen, Senhor. Damos-Te graças e pedimos-Te que a Igreja do Algueirão possa ser um maravilhoso instrumento neste lugar, para glória do Teu santo nome.

A Secretária



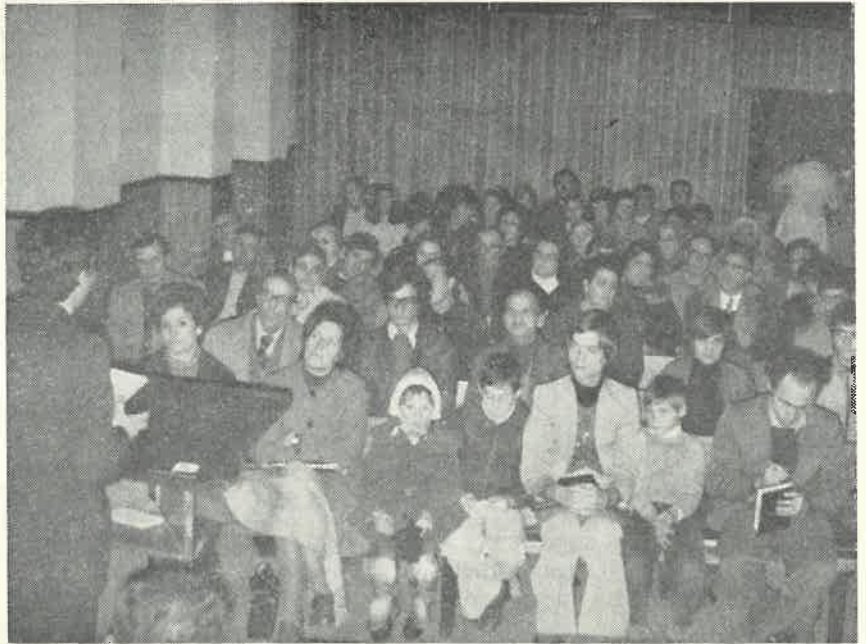
NOTÍCIAS DA IGREJA DE MATOSINHOS

«A VOZ DOS CRENTES»

Os dias em que vivemos são muito solenes e a serva do Senhor disse: «**Crentes de todos os séculos** têm tomado parte na incumbência dada aos primeiros discípulos. Todos os que receberam o Evangelho receberam a Sagrada Verdade para repartir ao mundo. Os fiéis de Deus têm sido sempre intrépidos missionários, consagrando os seus recursos para honra do Seu nome e sabiamente usando os seus talentos em Seu serviço» — (Actos dos Apóstolos, p. 109).

Neste sentido, a igreja de Matosinhos levou a efeito uma campanha de evangelização intitulada «A Voz dos Crentes», durante a qual um grupo de pregadores leigos de idades diversas e de diversas camadas sociais deu, numa contribuição maravilhosamente unida, algo de seu para o avanço da Causa de Jesus desta tão antiga vila de Matosinhos, centro piscatório e fabril, onde algumas almas acorreram para ouvir a última mensagem de esperança e salvação, e cada pregador fez tudo quanto podia e sabia para que as almas ouvintes sentissem a necessidade da salvação em Jesus.

A igreja de Matosinhos está grata a todos os Pregadores que com a sua quota parte contribuíram para mais um avanço da causa do Senhor. Como testemunho, aqui ficam os títulos que



Assistência numa das reuniões de Matosinhos

cada um escolheu para a sua conferência pública, cujas reuniões decorreram de 21 a 28 de Novembro. — «Uma entrevista com Deus», «Acima de tudo, o quê?», «A Fortaleza da Fé», «A Bíblia tinha razão», «O Lar Cristão», «Que significam nossos turbulentos dias?», «Galardão vem após a cruz», «Jesus e eu». Posso dizer que

nos alegrámos por contar uma média de 19 visitas e 28 membros diariamente. No princípio, estava receoso por esta campanha, mas o Senhor diz: «Eis que estou convosco até à consumação dos séculos» e, apesar das noites frias dum final de Outono nortenho e rigoroso, acho que foi muito animador e, como pequena igreja que somos, a média não está mal, e creio que os especialistas me darão razão.

Estamos gratos a todos os irmãos que de longe e de perto deram a sua colaboração para mais uma «Missão» ao serviço do Mestre. Também uma palavra de apreço aos irmãos e jovens que incansavelmente andaram pelos lares, distribuindo os folhetos, convidando a assistir às reuniões, e também ao Pastor, por estar sempre presente, introduzindo os temas e os nossos queridos pregadores.

Para que as almas não percam o interesse, estamos fornecendo material pelo correio e assim mantemos, com a ajuda de Deus, esta pequena chama da fé acesa, para que ela vá crescendo.

Vosso, no serviço do Mestre,

Virgílio Faustino

Ancião da igreja de Matosinhos



Assistência à cerimónia do Algueirão

RÁDIO-AMADORES ADVENTISTAS

SOBRE o telhado da nossa Casa Publicadora em Washington está montada uma grande antena. Não foi ali instalada para captar melhor os programas da televisão americana, pois não há televisores nos escritórios da Review and Herald. Mas no último andar da redacção, o redactor Edmund M. Peterson instalou uma estação emissora de rádio-amador. Com essa aparelhagem, ele procura entrar em contacto com os amigos rádio-amadores de todo o mundo. Quando, no fim do dia de trabalho, os seus colegas voltam para casa, o irmão Peterson entra no seu estúdio para continuar com os seus amigos da América do Sul, da África ou da Europa. Na maioria dos casos, só os conhece pelo nome. Entre eles, encontra-se um bom número de adventistas.

O irmão Peterson ama o seu **hobby** e para ele é uma fonte de alegria conversar com representantes de todas as nações. O seu estúdio de rádio-amador torna-se muitas vezes uma verdadeira central de comunicações.

Um dos missionários chama. Teve uma avaria no automóvel em plena floresta. Impossível regressar, o motor tem uma peça partida. Mas bastarão alguns dias e receberá as peças necessárias. Com efeito, o irmão Peterson conseguiu avisar uma oficina que tomará providências no menor tempo possível.

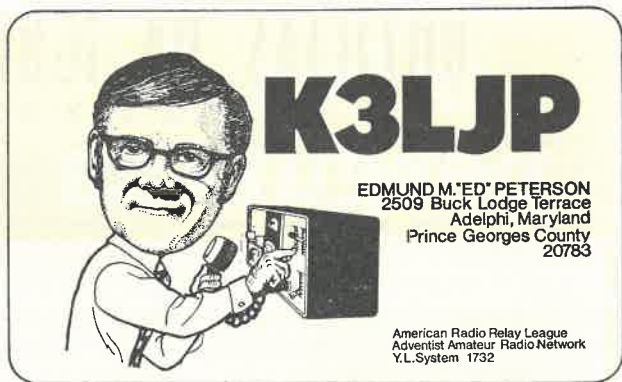
Um hospital pede um medicamento especial do estrangeiro. É preciso que siga urgentemente por avião. Estabelece-se a ponte aérea com a intervenção diplomática e, dentro de pouco tempo, o remédio chega ao seu destino.

Acontece às vezes que o estúdio do irmão Peterson se transforma num centro de informações e de socorro adventista. Quando surge uma catástrofe em qualquer parte do mundo, os nossos irmãos responsáveis da Conferência Geral dirigem-se ao estúdio do irmão Peterson, que se põe imediatamente em contacto com as autoridades competentes da localidade sinistrada. Fala com os irmãos da zona onde se verificou a catástrofe. Informa-se sobre a natureza dos danos e sabe imediatamente o que é necessário em medicamentos, víveres, vestuário e outras necessidades. Graças a essas oportunas comunicações de rádio, a nossa organização é praticamente sempre das primeiras a levar o socorro de maneira eficaz.

Edmund Peterson deseja desenvolver mais as suas relações com os rádio-amadores adventistas. Por isso convida aqueles que amam este **hobby** a entrar em contacto com ele.

Estes breves apontamentos poderão animar algum de nós a tornar-se rádio-amador para servir melhor o próximo.

E. Kilian, Departamento de Comunicações



O simpático cartão de visita do Sr. Edmund M. Peterson, com as indicações técnicas do seu posto de rádio receptor e transmissor

Nosso lugar comum

— Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, fala mal da lei, e julga a lei; e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz.

Há só um legislador e um juiz que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem? (Tiago 4: 11, 12)

Tentei subir, SENHOR, e ocupar o lugar,
Onde o juízo é feito e a sentença é lavrada!...
'Stava em meu coração, o meu irmão vulgar,
E exprobar com ardor, sua alma condenada!

Porém, que decepção!... Esse trono elevado,
Que minha alma queria e tanto desejava,
Vi, com espanto meu, estar já ocupado!...
E eras TU, SENHOR, Quem nele se encontrava!...

Olhei, então, em volta, enquanto me apontavas,
O único lugar que ali me reservavas...
O único lugar a que eu tinha direito!...

Desci para ocupá-lo!... E vi, com aflição,
Ser um lugar comum, junto do meu irmão,
O único lugar a que eu tinha direito!...

R. M.

(Jan. de 1977)

caixa de perguntas

REBAPTISMO

Há pessoas que recusam baptizar-se segunda vez. Haverá mesmo apoio bíblico para o rebaptismo?

A denominação nunca assumiu uma posição dogmática com respeito ao rebaptismo, em casos menos complexos. No entanto, em casos de apostasia declarada, ou de algum pecado notável que desminta publicamente o testemunho dado quando do baptismo, recomenda-se o rebaptismo.

Diz o Manual da Igreja: «Quando os membros tenham caído em apostasia e vivido de maneira tal que a fé e os princípios da igreja tenham sido publicamente violados, devem, no caso de se converterem e pedirem para ser membros da igreja, entrar da mesma maneira como ao princípio, isto é, por meio do baptismo». — P. 68.

Diz a mensageira do Senhor: «O Senhor requer decidida reforma. E quando uma alma está verdadeiramente convertida, seja ela rebaptizada. Renove ela o seu concerto com Deus, e Deus renovará o Seu concerto com ela». — «Evangelismo», p. 375.

No caso de pessoas oriundas de outras igrejas em que tenham sido baptizadas por imersão e vivido desde então em harmonia com o conhecimento que tinham, não se pode exigir o rebaptismo. «Não obstante — diz o Manual da Igreja — reconhece-se que em todos os casos seria conveniente o rebaptismo». — P. 67.

Notemos o comentário da serva do Senhor, sobre alguns conversos judeus, que foram rebaptizados, segundo o relato registado em Actos 19:1-5:

«Outra lição há ainda para nós no caso daqueles judeus conversos. Quando receberam o rebaptismo das mãos de João, mantinham erros graves. Mas recebendo luz mais clara, de bom grado aceitaram a Cristo como seu Redentor; e com este passo para a frente, veio uma mudança nas suas obrigações. Ao receberem uma fé mais pura, houve uma correspondente mudança na sua vida e carácter. Em sinal desta mudança, e como reconhecimento da sua fé em Cristo, foram rebaptizados, em nome de Jesus.

«Muito seguidor sincero de Cristo teve experiência semelhante. Uma compreensão mais clara da vontade de Deus coloca o homem em nova relação para com Ele. O apóstolo Paulo afirma que, embora tivesse, como supunha, prestado obediência à lei de Deus, entretanto, ao ser pelo Espírito Santo imposto o mandamento à sua consciência, 'reviveu o pecado, e eu morri' (Rom. 7:9). Ele via-se a si mesmo como pecador, e a consciência confirmou a sentença da lei.

«Muitos existem hoje que têm inconscientemente violado um dos preceitos da lei de Deus. Ao ser-lhes iluminado o entendimento, e instada a consciência a reconhecer as reivindicações do quarto mandamento, vêem-se a si mesmos como pecadores à vista de Deus. 'Pecado é o quebrantamento da lei' (I João 3:4), 'e qualquer que tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos' (Tiago 2:10).

«O sincero indagador da verdade não alegará ignorância da lei como desculpa da transgressão. A luz estava ao seu alcance. A palavra de Deus é clara, e Cristo ordenou-lhe que examinasse as Escrituras. Ele reverencia a lei de Deus como santa, justa e boa, arrepende-se da sua transgressão. Pela fé, ele pleiteia a seu favor o sangue expiatório de Cristo, e alcança a promessa de perdão. O seu baptismo anterior já não o satisfaz agora. Viu-se como pecador, condenado pela Lei de Deus. Experimentou de novo a morte ao pecado, e deseja de novo ser sepultado com Cristo pelo baptismo, a fim de que ressurja para andar em novidade de vida. Esse procedimento está em harmonia com o exemplo de Paulo ao baptizar os conversos judeus. Esse incidente foi registado pelo Espírito Santo como instrutiva lição para a igreja». — «Sketches from the Life of Paul» (1883), pp. 132 e 133. — R. A. B.

LEI ANTES DE MOISÉS

Como podemos provar que, antes de Moisés, já havia os Dez Mandamentos?

É muito clara a declaração bíblica de que «pecado é transgressão da lei», e que «onde não há lei, não há transgressão», «porque pela lei vem o conhecimento do pecado». (I João 3:4; Rom. 4:15; 3:20).

Se existiu pecado antes de Moisés, então já existia a Lei. Isto é bem lógico. Podemos provar que havia pecado antes de o grande dirigente receber as tábuas da Lei no Sinai? Em João 8:48, vemos que Satanás «foi homicida desde o princípio». O mesmo versículo diz que ele é «mentiroso». Logicamente, deve ter existido uma lei contra a mentira e o homicídio.

Se não houve Lei antes de Moisés, Deus foi injusto ao destruir Sodoma e Gómorra. Ora, se não havia lei, os habitantes daquelas cidades não eram réus de juízo. A acção divina teria sido arbitrária e descabida. Génesis 13:13 diz que «eram maus os varões de Sodoma, e grandes pecadores contra o Senhor». Onde há pecado, há transgressão.

Então, porque é que só no Sinai é que a Lei foi proclamada?

No tempo de Moisés, o conhecimento de Deus e da Sua Lei tinha sido esquecido, estando apagado na mente dos homens. Por esta razão, foi necessário que Deus gravasse em pedra os Dez Mandamentos que, outrora, eram transmitidos de geração a geração por meio da memória. Abraão conhecia a Lei divina: «Abraão obedeceu à Minha voz, e guardou o Meu mandado, os Meus preceitos, os Meus estatutos, e as Minhas leis». Gén. 25:5. — R. H.

breves notícias

Baptismos em Angola e Chamamento de Missionários

Um animador relatório vindo de Angola, onde a guerra tem feito tantos estragos, informa que, durante os primeiros três trimestres de 1976, houve 2900 baptismos. Para cuidar do trabalho que ali está e desenvolver-se, e em substituição de missionários que foram evacuados, a Divisão, na sua última reunião de conselho, resolveu convidar sete pessoas para irem trabalhar em Angola. O grupo compõe-se de dois médicos, duas enfermeiras, um técnico, um professor e um secretário de campo.

Reabre o Hospital do Bongo

Pedro de Freitas, o presidente, e Isaque Tadeu, o secretário-tesoureiro da União de Angola, visitaram a sede da Divisão em Berna durante os primeiros três dias de Janeiro. Relataram, entre outras coisas, que o nosso hospital no Bongo não estava danificado e que o Ministro da Saúde faria tudo o que estivesse ao seu alcance para apressar os vistos para a entrada dos dois médicos brasileiros recentemente designados para trabalhar ali.

Ouvinte da Rádio Adventista Mundial Considera que Servir é um Privilégio

Na Alemanha, uma pessoa ouviu pela primeira vez um programa da Voz da Esperança e pediu uma publicação que era oferecida. Leu que se procuravam tradutores voluntários e ofereceu os seus serviços. As suas traduções, escritas à mão, eram excelentes. Dizia, no entanto, numa das suas cartas: «Desculpem o meu trabalho. Sou apenas um simples empregado do correio numa aldeia do Sul da Alemanha. Mas, se posso ser útil, mandem-me sempre traduções para fazer». Foi o que se fez. Quando devolveu o trabalho, havia no envelope 1000 marcos (10 000 escudos), com as seguintes palavras: «Considero um privilégio participar do vosso maravilhoso empreendimento. Queiram aceitar esta minha contribuição financeira».

do mundo adventista

Testemunho Denominacional na Jugoslávia

A escola baptista de Novi Sad, na Jugoslávia, convidou três professores adventistas do nosso seminário a falar da origem, da organização e das doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Liberdade Religiosa em França

A causa da Liberdade Religiosa em França recebeu um impulso com as várias conferências e reuniões públicas realizadas sobre esse tema pelo director do respectivo departamento da Divisão, o Dr. Pierre Lanarès. A publicidade feita em jornais e a publicação de fotografias ajudaram a divulgação deste assunto, chamando a atenção para os perigos que ameaçam hoje a consciência individual.

A Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa, de cujo comité de honra fazem parte algumas personalidades europeias destacadas, promoveu reuniões em Grenoble, Montpellier — no salão de conferências da Faculdade de Direito, na Universidade —, Marselha, Castres e Pau.

Todas as reuniões foram bem frequentadas e em todas se salientou a necessidade de salvaguardar uma herança tantas vezes negligenciada, nomeadamente a liberdade de prestar ou não prestar culto, a liberdade de consciência individual. Foi manifestado grande apreço pela valiosa contribuição dada pela revista bi-anual **Conscience et Liberté** dirigida pelo Dr. Pierre Lanarès. Esta publicação é também editada em alemão desde 1974 e acaba de sair do prelo a sua primeira edição em holandês.

Obreiro Francês Doutorado em Teologia

Richard Lehmann, ex-presidente do Seminário dos Camarões, terminou o seu doutoramento em religião, pela Faculdade de Teologia da Universidade de Estrasburgo, tendo defendido brilhantemente a sua tese sobre o conceito do apóstolo Paulo acerca da liberdade dos escravos. O irmão Lehmann continuará a sua actividade evangelística em Moulhouse, França.